

O avesso da história e o lugar do leitor

Rosa Maria Cuba Riche
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - UERJ
rosacubariche@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7849433194138639>

UERJ / 2023

“O valor artístico de uma obra parece residir na maior ou menor apreensão que o texto realiza da situação do **ser humano** confrontado com a realidade da **história** e do **inconsciente** (em especial o mito, mantido pelas informações discursivas do inconsciente)”. Muniz Sodré

Por que uma narrativa ficcional atravessa séculos e permanece encantando leitores?

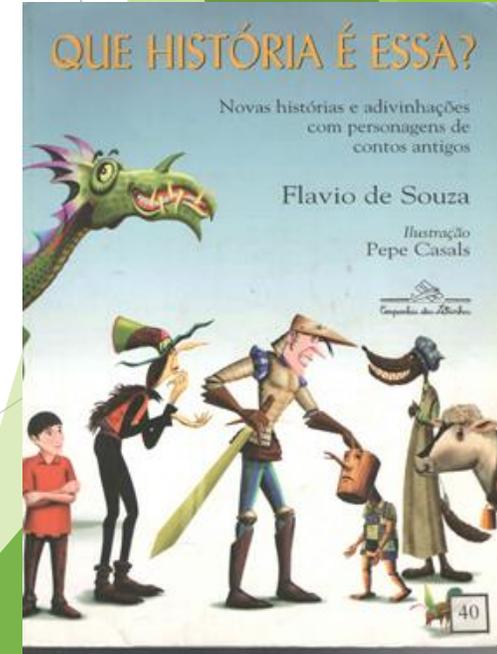


- ▶ O Conto de fadas era tratado como um gênero ligado apenas às crianças.
- ▶ A associação crianças e histórias de fadas, Tolkien (2006), é “apenas um acidente da nossa história doméstica” - o valor dessas histórias deve ser considerado como uma obra literária como qualquer outra. A literariedade - o motivo pelo qual elas foram recontadas repetidamente e transmitidas de geração para geração.
- ▶ **Bruno Bettelheim (2009: 52-53) “O conto de fadas (...) é em grande parte o resultado de o conteúdo comum consciente e inconsciente ter sido moldado pela mente consciente, não de uma pessoa em particular, mas pelo consenso de várias a respeito daquilo que consideram problemas humanos universais e do que aceitam como soluções desejáveis (...). Um conto só era recontado repetidamente, e ouvido com grande interesse, se satisfizesse às exigências conscientes e inconscientes de muitas pessoas”**
- ▶ **Contos de fadas guardam parte da essência da humanidade por isso atravessaram os séculos e, mesmo sofrendo modificações e adaptações, permanecem até os dias de hoje. (das versões tradicionais às da Disney)**

O objetivo



- ▶ Analisar o avesso da história de “Chapeuzinho Vermelho” e o lugar do leitor, no ano em que se comemora 326 anos da versão de Charles Perrault, publicada em 1697 com o título de “Le Petit Chaperon Rouge”. Como se dá esse processo na versão de Flávio de Souza, “HOZ MALEPON VIUH ECHER OU O CAÇADOR”?
- ▶ **O título aponta para a inversão total do original.** Trata-se de uma paródia, um efeito de linguagem presente nas obras contemporâneas (SANT’ANNA, 1988).
- ▶ Desde a metade do século XIX e em especial com os mais radicais do século XX, como o Futurismo (1909) e o Dadaísmo (1916), tem-se observado que a paródia é um efeito sintomático presente nos campos da arte.
- ▶ Já existia na Grécia, em Roma e na Idade Média. Há uma intensificação de seu uso e por isso há um maior interesse da crítica. (Sant’Anna, 1988).



A origem

- ▶ “Paródia é uma forma da linguagem voltar-se para si mesma”. (1988, p. 8) Os artistas dialogam não só com a realidade aparente das coisas, mas também com a própria linguagem. No jornalismo, na literatura, na pintura, na fotografia, houve maior liberdade de deslocamento que levou ao Abstracionismo (1908) e à Arte Conceitual (1961).
- ▶ A linguagem literária alargou seu espaço numa alquimia de materiais linguísticos e formais. Surge a paródia como efeito metalinguístico, uma linguagem que fala sobre outra linguagem, uma paródia de textos alheios (intertextualidade) e uma paródia dos próprios textos (intratextualidade).
- ▶ **Mikhail Bakhtin**- traduzido na França (em 1970), no Brasil (1981). Referência obrigatória nos estudos sobre a paródia.
- ▶ **Teoria da Carnavalização**. Dez anos antes, Iuri Tynianov publicou um texto sobre Gogol e Dostoiévski (1919).



Carnaval - Carnavalização

- ▶ O carnaval e suas manifestações não é um fenômeno literário. O espetáculo tem caráter ritual, apresenta vários matizes, dependendo da época, do local e do povo. (Carnaval de Veneza e do Brasil).
- ▶ Espetáculo de massas - criou uma linguagem de formas concreto - sensoriais simbólicas de ações e gestuais. Essa linguagem exprime, de maneira diversificada, uma visão carnavalesca, (p. 105) que penetra em suas diferentes formas.
- ▶ “Tal linguagem não pode ser traduzida com menor grau de plenitude e adequação para a linguagem verbal, especialmente para a linguagem de conceitos abstratos, no entanto é suscetível de certa transposição para a linguagem cognata, por caráter concretamente sensorial, das imagens artísticas, ou seja, para a linguagem da literatura. É essa transposição do carnaval para a linguagem da literatura que chamamos carnavalização. (1981, p. 105)



Carnaval e Carnavalização

- ▶ **Carnaval - Rompe estratificação de classes sociais.** Brasil - patroa se fantasia de escrava e a doméstica vira rainha da bateria. **Os papéis sociais se invertem, outras leis vigoram.** (Bakhtin, 1981, p.105).
- ▶ Para Bakhtin, *“em certo sentido uma “vida às avessas”, um “mundo invertido”*. (1981, p.105) **Todas as proibições e restrições que regem o social são revogadas.**”(1981, p.106)
- ▶ **Carnaval - aproxima, reúne, celebra, combina sagrado/profano, elevado/baixo, grande/insignificante. Igualdade e liberdade.**
- ▶ **A excentricidade é uma categoria específica da cosmovisão carnavalesca - permite que se revelem e expressem os aspectos ocultos da natureza humana. A profanação formada pelos sacrilégios carnavalescos- indecências relacionadas à força produtora da terra e do corpo.**
- ▶ **Tudo isso exerceu poderosa influência transformadora sobre o próprio estilo verbal.** (1981, p.106-107)



A paródia - O riso

- ▶ **O riso carnavalesco** é profundamente ambivalente. Geneticamente, ele está relacionado às formas mais antigas do riso ritual (voltado para o supremo: achincalhava-se, ridicularizava-se o sol, outros deuses. (p.109)
- ▶ **Carnavalização de gêneros** no campo do cômico-sério, cuja denominação já soa ambivalente.
- ▶ **Brewer - Paródia**, significa uma ode que perverte o sentido de outra ode (grego: para-ode). A ode era um gênero cantado (Sant'ANNA, *apud* Brewer, 1988, p.12)
- ▶ **Shiple**y - implicava a ideia de uma canção que era cantada ao lado da outra, como uma espécie de contracanto. A origem é musical. Dialogismo.



Artes plásticas e Carnavalização

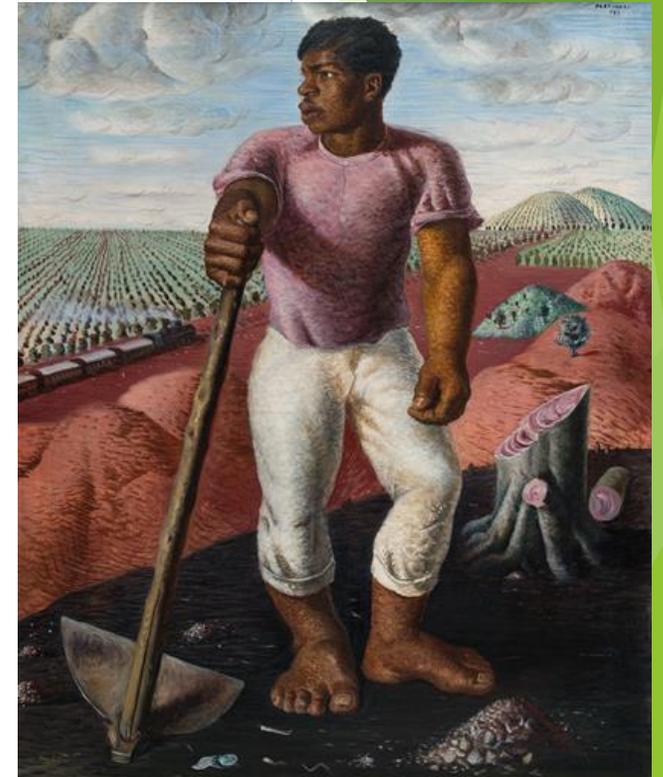
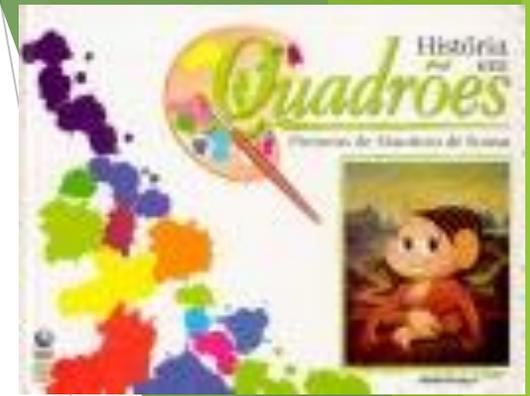


- ▶ Museu de Arte de São Paulo - MASP, “Rosa e Azul”, do impressionista francês Auguste Renoir.
- ▶ Maurício - como seria colocar a turma da Mônica nas obras de grandes artistas para ensinar e divulgar arte para crianças de uma maneira diferente.
- ▶ “História em Quadrões da Mônica”, de Maurício de Sousa.
- ▶ <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/os-quadros-de-mauricio-de-souza/>



Monicalisa - Monalisa (LDV)

Chico lavrador de café - O Lavrador de Café (CP)



Doce doce, quem comeu regalou-se...

Bruegel - Tato - Sylvia Orthof

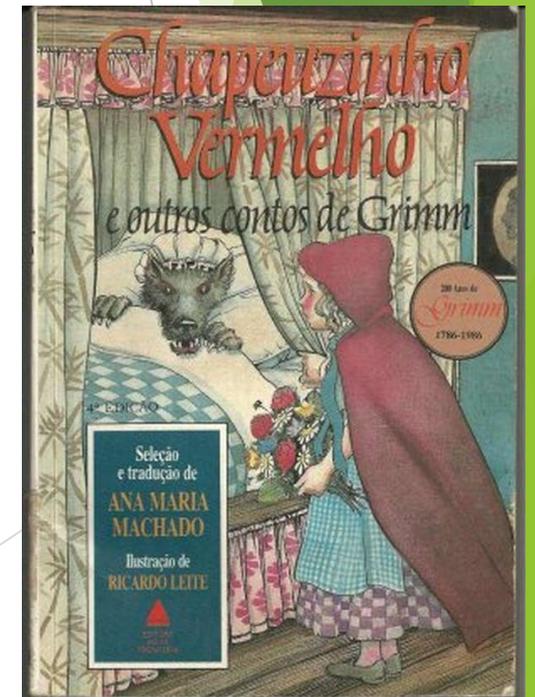


O riso - O burlesco A festa - A celebração



O conto de fadas - A paródia

- ▶ Situações e valores cristalizados pela história são retomados num outro texto que inverte o sentido do texto original e com ele dialoga numa espécie de contracanto.(carnavalização)
- ▶ Jogo intertextual - um texto se opõe ao original. Inverte, promove uma re-apresentação da voz do outro que ficou recalcada, uma nova maneira de ler o convencional, um processo de liberação do discurso. (SANT'ANNA, 1999, P. 31)
- ▶ Flávio de Souza - “Que história é essa ? Novas histórias e adivinhações com personagens de contos antigos” - retoma os contos de fadas tradicionais e narra sob o ponto de vista das personagens secundárias.
- ▶ “Hoz Malepon Viuh Echer ou O caçador” - “Chapeuzinho Vermelho” é narrada sob o ponto de vista do caçador; é ele o protagonista e não mais a menina. (RICHE, 1999, p. 131)



A paródia e a recepção do leitor

- ▶ “A experiência primária de uma obra de arte se realiza na sintonia com seu efeito estético.” (JAUSS, 1979, p.46)
- ▶ **Dois modos de recepção:** 1- aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo; 2- reconstruir o processo histórico pelo qual um texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos. (JAUSS, 1979, p. 46)
- ▶ **Estética da Recepção:** Estabelecer uma comunicação entre os dois lados da relação texto leitor; entre o **efeito**, condicionado pelo **texto**, e a **recepção** condicionada pelo **destinatário** para a concretização do **sentido interno ao literário**, implicado pela obra, e o **mundivivencial trazido pelo leitor** de uma determinada **sociedade**. (JAUSS, 1979, p.49) (repertório de leituras + vivências)
- ▶ **Leitura:** “une o processamento do texto ao efeito sobre o leitor.” (Iser.1979, p.83)
- ▶ **Relação texto - leitor** - “O leitor contudo nunca retirará do texto a certeza explícita de que sua compreensão é justa.” “..os códigos que poderiam regular esta interação são fragmentados no texto e precisam ser construídos.” (Iser.1979, p.87-88)



Texto - Leitura - Leitor = Interação



- ▶ **“Assimetria texto e leitor.. não é determinada de antemão e esta própria indeterminação introduz as múltiplas possibilidades de comunicação”.** (Iser,1979,p.89)
- ▶ Outro lugar desta interação é constituído pelos diversos tipos de negação, que se formam pelas supressões no texto. (Iser,1979,p. 91) **Os vazios e as negações contribuem de diversos modos para o processo de comunicação.**
- ▶ A atividade de constituição decorrente da assimetria entre texto e leitor adquire uma estrutura determinada, que controla o processo de interação. (Iser,1979,p. 91-92)
- ▶ **“ As camadas da obra de arte devem manter seu caráter polifônico, deve haver limites toleráveis de indeterminação.., cujo aumento a níveis críticos fará inevitavelmente implodir o caráter polifônico da obra, ou melhor, impedir seu surgimento.”** (Iser,1979, p.94)

HOZ MALEPON VIUH ECHER

ou

O CAÇADOR

Era uma vez um caçador. Esse caçador gostaria de ser um padeiro ou um relojoeiro. Ou um trapezista. Mas ele era um caçador. Porque o pai dele tinha sido caçador. E o avô dele tinha sido caçador. E o bisavô também. E o tataravô também. E o avô do tataravô também. Então esse caçador era caçador porque mandaram ele seguir o costume da família.

Ele morava numa floresta, onde moravam muitos bichos. E pessoas. E monstros. Então, já que tinha que caçar, porque era caçador, ele caçava monstros.

A vida de um caçador que caça monstros era bem animada. E perigosa. E arriscada. Este caçador quase perdeu uma perna quando caçou o terrível Vampiro da Caverna Negra. Quase perdeu todos os dentes quando caçou o Abominável Lobisomem do Mato Selvagem. E quase perdeu a cabeça quando caçou a horripilante Sereia da Lagoa das Águas Profundas.

Cansado de quase se perder por inteiro ao caçar seres tão



▶ 1º - **Era uma vez um caçador.** Esse **caçador** gostaria de ser um padeiro ou um relojoeiro. Ou um trapezista. Mas ele era um **caçador**. Porque o pai dele tinha sido **caçador**. **E** o avô tinha sido **caçador**. **E** o bisavô também. **E** o tataravô também. **Então** esse **caçador** era **caçador** porque mandaram ele seguir o costume da família.

▶ 2º - Ele morava numa floresta onde moravam muitos bichos. **E** pessoas. **E** monstros. **Então**, já que tinha que caçar, porque era **caçador**, ele caçava monstros.

▶ 3º - A vida de um **caçador** que caça monstros era bem animada. **E** perigosa. **E** arriscada. Este **caçador** quase perdeu a perna quando caçou o **terrível Vampiro da Caverna Negra**. Quase perdeu todos os dentes quando caçou o **Abominável Lobisomem do Mato Selvagem**. E quase perdeu a cabeça quando caçou a **horripilante Sereia da Lagoa das Águas Profundas**.

▶ Cansado de quase se perder por inteiro ao caçar seres tão medonhos, o **caçador** saiu um dia à procura de **uma onça comedora de gente**, ou **um javali destruidor** ou um outro **animal bem mau**.

▶ **Marcas da oralidade e os sentidos no texto** - Título duplo, e, então, repetições de verbos, de termos. Frases curtas, pontuação. Agilizam a narrativa.

▶ **A adjetivação exacerba as características dos monstros e o caráter destemido do caçador.**



- ▶ O caçador viajou o dia inteiro. Quando já estava quase anoitecendo, chegou a uma **casinha** muito **bonitinha**. Com **tapetinho** na frente da porta. **E cortininhas** nas janelas. Só de pensar na sopa que a dona de casa devia estar preparando para o jantar, o caçador ficou com água na boca. **E** resolveu bater na porta para pedir um prato desta sopa. **E** bateu! **E** estranhou ao ouvir um ronco esquisito.
- ▶ “Nossa!”, pensou o caçador, “a dona desta casa está dormindo! **E** nem é noite ainda! **E** como ela ronca alto!”
- ▶ O caçador já estava indo embora, pé ante pé, para não acordar a dona da **casinha**. Mas pensou: “Este ronco está **muito** esquisito!” **E** resolveu dar uma **olhadinha**.
- ▶ Quando abriu a porta, o caçador se espantou. Porque a dona da casa estava dormindo de camisola em sua cama. É claro que isso não é motivo para ninguém se espantar. Mas acontece que esta senhora era **muito feia**. **Muito feia mesmo**. **Tão feia que parecia um lobo**.
- ▶ **Diminutivos** - denunciam a fragilidade da moradora.
- ▶ **Advérbios de intensidade** - exacerbam as características físicas - feiúra.

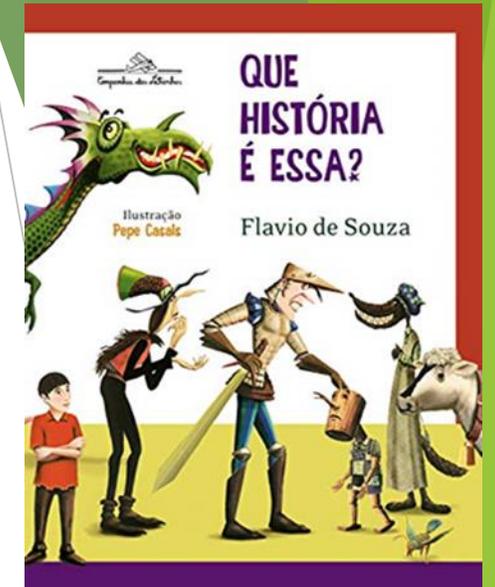


- ▶ **Então**, quando o caçador já estava pensando em ir embora, a senhora que parecia que tinha engolido um monte de abóboras, acordou.(contracanto)
- ▶ O caçador disse: - Boa tarde, minha senhora.
- ▶ - Boa tarde - respondeu a senhora.
- ▶ - A senhora me desculpe por eu ter entrado na sua casa sem pedir licença - disse o caçador.
- ▶ - Não faz mal - respondeu a senhora.
- ▶ - **Então** eu gostaria de fazer três perguntas para a senhora - disse o caçador.
- ▶ - Ora essa, não se acanhe. Faça - disse a senhora. (a voz do texto original)
- ▶ - Obrigado disse o caçador - **Então** lá vou eu. **Por que a senhora tem olhos tão grandes?**
- ▶ - **Para te olhar melhor...**
- ▶ - **Porque a senhora tem um nariz tão grande?**
- ▶ - **Para te cheirar melhor.**
- ▶ - **E por que a senhora tem uma boca tão grande?**
- ▶ - **Para engolir melhor meninas e vovozinhas.**
- ▶ - **Ah! Então está explicado.(quebra a expectativa)**



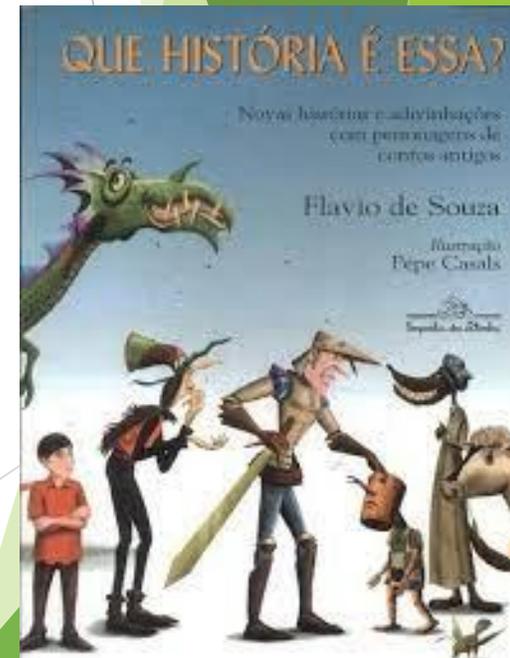
HOZ MALEPON VIU ECHER OU O CAÇADOR

- ▶ E o caçador já ia se despedir e ir embora, quando olhou bem para a senhora que aprecia um lobo. **E descobriu que a senhora que aprecia um lobo ERA um lobo!**
- ▶ O caçador pegou sua espingarda e mirou. O lobo tentou fugir correndo, mas estava com a barriga pesada e não conseguiu. O caçador deu um tiro no lobo. Abriu a barriga dele com um facão. Tirou lá de dentro uma menina de chapéu na cabeça e uma velhinha. Elas **estavam meio tontas com o cheiro ruim que tinha dentro da barriga do lobo**. Mas estavam vivas. **E** agradeceram muito ao caçador. **E** ofereceram um jantar para ele. Com doces na sobremesa. (sintaxe)
- ▶ Depois de costurar a barriga do lobo e fazer um curativo no **bumbum** dele, onde o tiro tinha passado de raspão, a velhinha mandou ele embora. O lobo pediu para jantar. **Mas a velhinha, que não era feia nem parecia um lobo, deu um pão velho para ele. E mandou ele embora. E ele foi.** (humor)



HOZ MALEPON VIU ECHER OU O CAÇADOR

- ▶ O caçador jantou. Agradeceu. E acompanhou a menina no caminho de volta para casa dos pais dela. **A mãe da menina** agradeceu ao caçador por ele ter salvado sua filha. E o **pai da menina**, que era padeiro e dono de uma padaria, convidou o caçador para trabalhar com ele. **(elementos novos)**
- ▶ O caçador aceitou. Guardou a espingarda num baú. **E** começou um novo costume na família dele. Porque seu filho foi padeiro como ele. **E** seu neto também. **E** seu bisneto. **E** seu tataraneto. **E** o filho do seu tataraneto.
- ▶ Parece que o neto do tataraneto do caçador que virou padeiro achou uma espingarda enferrujada em um baú antigo. E saiu de casa decidido a caçar um monstro bem horroroso...Fim **(quebra da expectativa)**
- ▶ QUE HISTÓRIA É ESSA?
- ▶ Narrativa circular. Volta ao início. Aberta.



Observações Finais

- ▶ **Marcas da oralidade** - Título duplo, repetições de termos, e, então, de verbos. Frases curtas, pontuação a serviço da narração. **Era uma vez... (tempo)**
- ▶ **A adjetivação** exacerba as características dos monstros e o caráter destemido do caçador. **(Configuração das personagens)**
- ▶ **Diminutivos** - denunciam a fragilidade da moradora para valorizar os feitos do caçador. (mantém a visão do estereótipo masculino, coragem, força, virilidade)
- ▶ **Advérbios de intensidade** - exacerbam as características físicas - feiúra.
- ▶ **Técnica narrativa** - Narrativa circular. Une o fim ao princípio. Aberta.
- ▶ **Contracanto** - uma ode (narrativa) que inverte outra ode (narrativa). **Carnavalização. Resgate da memória do leitor.**
- ▶ **Símbolos:** a casinha - velhinha/avó - o lobo - o caçador - o facão - as abóboras - a espingarda.
- ▶ **Mantém a visão maniqueísta: BEM X MAL-** suavizada pelo **HUMOR**. **Quebra a expectativa do leitor.**



Referências bibliográficas

- ▶ BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiéski. Trad: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- ▶ BETTELHEIN, Bruno. A Psicanálise dos contos de fadas (trad. Arlene Caetano). São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- ▶ BRUEGEL, Pieter. Jogos Infantis (Children's Games). Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Pieter-Bruegel-the-Elder/662640/Jogos-Infantis.html>. Acesso em: 15 mai. 2023.
- ▶ IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. Os Quadros de Mauricio de Souza. História das Artes, 2023. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/os-quadros-de-mauricio-de-souza/>>. Acesso em 17 Jun 2023.
- ▶ LOPES, José Reinaldo. A Árvore das Estórias: uma proposta de tradução para Tree and Leaf, de J. R. R. Tolkien. Dissertação (Mestrado Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - departamento de Letras, Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006
- ▶ RICHE, Rosa Maria Cuba. Literatura infanto-juvenil contemporânea: texto/contexto- caminhos/ descaminhos. Forianópolis: Perspectiva. ,v.17,n. 31, p. 127 -139, jan./jun. 1999. Disponível em: <https://docplayer.com.br/27628579-Literatura-infanto-juvenil-contemporanea-texto-contextocaminhos-descaminhos.html>. Acesso em: 31 mai. 2023.

Referências bibliográficas

- ▶ ROCHA, W. I. AS VÁRIAS HISTÓRIAS...Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 3 - Edição 4 - Junho-Agosto de 2010 anagrama@usp.br
- ▶ SANT'ANNA, Affonso Romano de. Paródia, paráfrase & cia. 3 ed., São Paulo: Ática, 1988. (Col. Princípios, 1)
- ▶ SOUSA, Flavio de. Que história é essa? Novas histórias e adivinhações com personagens antigos. São Paulo: Cia das Letrinhas, 1995.

“A literatura pode muito. [...] pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.” (TODOROV, 2010, p. 76)

- ▶ MUITO OBRIGADA!
- ▶ rosacubariche@gmail.com